



*REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO*

Magda Beatriz Mörschbacher Steffens¹

Julio Cesar Bresolin Marinho²

RESUMO: Este artigo procurou compreender as contribuições da utilização das mídias digitais nas turmas de alfabetização. O estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa, na qual os dados foram obtidos por meio de entrevista aberta com os professores que trabalham com a alfabetização. Com a análise das entrevistas, conseguimos entender: a percepção das professoras sobre a utilização do laboratório de informática; o trabalho com as mídias; a utilização das mídias e a relação com a aprendizagem da alfabetização. Compreendemos que as mídias digitais estão presentes na vida das crianças e podem ser utilizadas para potencializar o processo de alfabetização.

Palavras-chave: mídias digitais, educação, alfabetização.

REFLECTIONS ON THE INTEGRATION OF DIGITAL MEDIA LITERACY IN PROCESS

ABSTRACT: This article sought to understand the contributions of using digital media in literacy classes. The study consisted of a qualitative study in which data were obtained through open with teachers working with literacy interview. With the analysis of the interviews, I could understand: teachers' perception on the use of the computer lab, working with the media, the use of media and its relationship with literacy learning. We understand that digital media are present in children's lives and can be used to enhance the literacy process.

Keywords: digital media, education, literacy.

¹ Graduação em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2009).

² Mestre em Educação em Ciências (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - Associação Ampla entre UFRGS/UFSM/FURG, 2013). Atua como Professor da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

REFLEXIONES PARA LA INTEGRACIÓN DE LA ALFABETIZACIÓN DIGITAL MEDIA EN PROCESO

RESUMEN: En este artículo se trató de comprender las contribuciones de la utilización de los medios digitales en las clases de alfabetización. El estudio consistió en un estudio cualitativo en el que los datos se obtuvieron a través abierta con los maestros que trabajan con entrevista de la alfabetización. Con el análisis de las entrevistas, yo podía entender: la percepción de los docentes en el uso del laboratorio de computación, trabajando con los medios de comunicación, el uso de los medios de comunicación y su relación con el aprendizaje de la lectoescritura. Entendemos que los medios digitales están presentes en las vidas de los niños y pueden ser utilizados para mejorar el proceso de alfabetización.

Palabras-clave: medios digitales, la educación, la alfabetización.

INTRODUÇÃO

Percebemos que a *internet* faz parte da rotina da grande maioria da população e seu uso está crescendo cada vez mais em todos os níveis e classes sociais. De acordo com o artigo “O desafio comunicacional da cibercultura à educação via *internet*”, de Marco Silva

o computador *online* não é um meio de transmissão de informação como a televisão, mas um espaço de adentramento e manipulação em janelas móveis, plásticas e abertas a múltiplas conexões e interagentes geograficamente dispersos (SILVA, 2010, p. 207).

Ao analisarmos as mídias mais usuais como televisão, rádio e jornal, vemos que estes meios de comunicação tem o papel principal de informar, trazendo a notícia e os conhecimentos prontos para as pessoas. A *internet* permite a troca de informações entre pessoas em qualquer parte do mundo, onde o usuário navega e pode acrescentar sua opinião. Acreditamos que é desta forma que o uso da *internet* pode estar incluso no ensino, permitindo que os alunos construam o conhecimento para além das paredes da sala de aula.

O presente trabalho procura compreender se a *internet* pode configurar-se como mais uma aliada na alfabetização dos alunos entre o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Para isso, investigamos as percepções de professores de uma Escola Municipal, de Charqueadas, RS, sobre a utilização das mídias digitais no processo de alfabetização, e apontamos uma possibilidade para a concretização dessa prática.

AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Diante da sociedade em que vivemos a *internet* tem um papel fundamental na globalização do mundo, mesmo enfrentando a desigualdade social e diferenças culturais do nosso país. Pereira (2009, p. 2) afirma que “a informática está presente de maneira irreversível na nossa vida atualmente”.

Quando idealizamos o uso da *internet* na sala de aula, imaginamos uma educação sem fronteiras, onde a colaboração e a criatividade tem passagem livre na construção do conhecimento. Professor e aluno andando juntos e comunicando-se no mesmo patamar; uma comunicação aberta, a construção do conhecimento; uma construção já estudada e citada por Jean Piaget que afirma que “as estruturas não estão pré-formadas dentro do sujeito, mas constroem-se à medida das necessidades e das situações” (PIAGET, 1978, p. 387).

De acordo com Kenski (2007, p. 47), referente às mídias:

já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso é revolucionário.

O professor precisa ter orientação não somente para ligar e desligar o computador, mas, para conhecer as diversas oportunidades que as mídias digitais podem oferecer. Outro fator importante para a educação com mídias é reconhecer as várias possibilidades que as mídias digitais nos oferecem, é preciso ter opinião crítica sobre os *sites* visitados e sobre as informações encontradas. Acreditamos ser importante, desde pequenos proporcionar para que o aluno construa um olhar crítico.

Moran (2000, p. 50) defende esses pressupostos ao afirmar que:

É preciso educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. Quando a criança chega à escola os processos fundamentais de aprendizagens já estão desenvolvidos de forma significativa. Urge também a educação para as mídias, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las de forma mais abrangente possível.

Não basta somente facilitar o acesso às novas tecnologias aos nossos alunos, é necessário educá-los para a atualidade, a escola precisa pensar uma educação igual para todos visando o progresso e a participação do aluno e da sociedade. As mídias devem servir a todos e é papel do professor explorá-las com os alunos, e usá-las de forma crítica e consciente.

POTENCIALIDADES DAS MÍDIAS DIGITAIS PARA AS ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO

As mídias digitais tem uma nova missão na sala de aula. De acordo com entrevista de Thornburg (1997), ele nos indica duas importantes razões para que os alunos tenham acesso a tecnologia. Primeiramente a mesma deve ter um papel natural em sala de aula e depois o quão importante é que os alunos aprendam através do movimento, da ação e da interação e assim ter melhor aproveitamento da construção do conhecimento.

Atualmente nos deparamos com as novas mídias digitais, os anseios e desconfortos em lidar com uma tecnologia nova, mas tão atraente aos nossos alunos. Fica claro que devemos nos preparar, destinar nossa atenção para conhecê-las criticamente, e utilizá-las ou não de acordo com a realidade cognitiva de nossos alunos.

Segundo Ferreiro (1996, p. 24), “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. Sabendo que a alfabetização é um processo diferente para cada criança, Ferreiro aponta que devemos oportunizar e conduzir a construção do conhecimento a partir de suas experiências. Ao atender crianças menores, do 1º ano de alfabetização, percebemos que as mídias digitais estão presentes em seu dia a dia; nos jogos, nas listas de presentes, nas conversas; cada vez mais eles apropriam-se delas.

O uso de *softwares* educativos em alfabetização tem se mostrado como eficazes na apropriação da leitura e da escrita. Os *softwares* voltados a alunos que estão em processo de aquisição da leitura e escrita, levam o sujeito a estabelecer relações, pensar, levantar e confrontar hipóteses, principalmente frente ao erro, ocasião em que o jogo é interrompido na tentativa de saber o que aconteceu e/ou resolver o impasse, oportunizando a interação. Teberosky em uma entrevista para a revista Nova Escola (2005) coloca que:

O micro permite aprendizados interessantes. No teclado, por exemplo, estão todas as letras e símbolos que a língua oferece. Quando se ensina letra por letra, a criança acha que o alfabeto é infinito, porque aprende uma de cada vez. Com o teclado, ela tem noção de que as letras são poucas e finitas. Nas teclas elas são maiúsculas e, no monitor, minúsculas, o que obriga a realização de uma correspondência. Além disso, quando está no computador o estudante escreve com as duas mãos. Os recursos tecnológicos, no entanto, não substituem o texto manuscrito durante o processo de alfabetização, mas com certeza o complementam.

Ainda corroborando para entender a importância e benefício do uso das mídias digitais na alfabetização, citamos Valente (1997, p. 3), que declara o quanto à aula pode ser atrativa e atingir seus objetivos de forma descontraída e construtiva:

os sistemas computacionais apresentam hoje diversos recursos de multimídia, como cores, animação e som, possibilitando a apresentação da informação de um modo que jamais o professor tradicional poderá fazer com giz e quadro negro mesmo que ele use o giz colorido e seja um exímio comunicador.

Valente (1997), com essa ideia, nos reforça a importância de inovar para atrair a atenção dos alunos nativos digitais que são tão estimulados.

Quanto aos programas que podem auxiliar na alfabetização, estes, exigem dos professores muito estudo e conhecimento dos mesmos, pois conforme Silva (2006, p. 153):

é necessário que sejam escolhidos em função dos objetivos visados no processo de ensino e aprendizagem, distinguindo-se os que objetivam testar conhecimentos dos que procuram levar o aluno a interagir com o programa de forma a construir conhecimento.

Assim, compreendemos mais uma vez a importância de atualizar a formação dos professores alfabetizadores dos alunos nativos digitais, visto que as mídias e as tecnologias configuram-se como potentes ferramentas para propiciar uma construção ativa dos alunos, conseqüentemente, potencializando a aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada estruturou-se em um estudo de caso a partir de entrevista aberta com professoras alfabetizadoras das turmas de 1º e 2º ano de uma Escola Municipal de Charqueadas, RS. As mesmas foram gravadas e depois transcritas para análise.

O estudo de caso se configura como uma modalidade de pesquisa qualitativa. Segundo Yin (2005) o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa, que investiga fenômenos atuais dentro de um contexto real, principalmente em realidades em que não estão bem definidas o fenômeno estudado e o contexto em que está inserido.

Optamos por uma modalidade de pesquisa qualitativa, na qual elencamos a entrevista como instrumento para coleta de dados, pois permite ao entrevistado construir as respostas; e ao entrevistador, explorar da melhor forma e com muita profundidade as respostas coletadas. Sobre a entrevista Gil (1987, p. 113) afirma que:

o pesquisador pode formular perguntas ao entrevistado com o objetivo de obter dados que interessam à investigação e que a entrevista é uma forma de interação social e uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

As questões formuladas serviram como roteiro para facilitar as entrevistas confirmando o que Minayo (1996, p. 122) menciona: “o entrevistador não faz formulações pré-fixadas, e sim a entrevista deve ser considerada como um roteiro facilitando a comunicação entre ambos”.

A análise das respostas trouxe subsídios para compreender como estas professoras, independente de sua formação, lidam com as tecnologias e mídias digitais em sala de aula. Buscamos não apontar culpados ou inocentes no uso das mesmas, mas sim um caminho que possa contribuir para que, cada vez mais os professores possam usufruir desta tecnologia inovadora e atrativa para nossos alunos. Procuramos também, compreender como estes professores percebem a internet na sala de aula e, se consideram possível o enlace entre alfabetização e as mídias digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas nos possibilitaram interpretar três aspectos relacionados com a nossa questão de pesquisa, sendo eles: (A) a percepção das professoras sobre a utilização do laboratório de informática; (B) o trabalho com as mídias; (C) a utilização das mídias e a relação com a aprendizagem da alfabetização. Apresentaremos esses a partir de agora.

(A) Percepção sobre a utilização do laboratório de informática

Em relação à forma de perceber a utilização do laboratório de informática podemos observar algumas particularidades nas entrevistas com as professoras, como podemos observar nos seguintes fragmentos:

Utilizo [o laboratório], com objetivo de ajudar na alfabetização, só que não é o que acontece; porque a pessoa que está no laboratório para ajudar não seleciona os joguinhos de alfabetização para as crianças, leva mais estas aulas para a diversão, eu bem que peço mas ela não me entende. (...) No momento os alunos estão somente jogando com objetivo de entretenimento e desta forma não contribuem para alfabetização. Para prender a atenção deles era muito bom, todos ficavam compenetrados, desenvolvendo a atenção a coordenação motora, habilidade com o mouse, mas pedagogicamente não (Entrevista da Professora A).

Sempre utilizo o laboratório de informática, quando possível, um período por semana. Quando tem horários disponíveis. Na verdade, um planejamento para informática, a gente não tem feito e nunca fizemos. Só que as crianças gostam daqueles jogos, alguns querem aprender a mexer no computador, muitos não tem em casa, não sabem, já ajuda bastante. A maioria das vezes é para jogo. (...) neste ano tivemos o programa Positivo a gente já utilizou atividades sugeridas no livro que eram para informática com atividades direcionadas a alfabetização, é um apoio. Porém, nem todas as atividades, pois faltam recursos como caixa de som, que é um recurso do computador, mas não funciona aqui. (...) Trabalhar no computador é muito importante porque daqui pra frente vai ser só isto. A gente

vê os pequenos de primeiro ano com celular na mão, falando em computador, jogos, tablete e por aí vai (Entrevista da Professora B).

Utilizo o laboratório para eles terem contato (...) eu quero que a turma tenha contato com o laboratório utilizar as máquinas, trabalhar em grupo, aprender a dividir e descobrir. (...) Além de deixar um tempo livre para eles jogarem e fazerem o que quiserem tenho tempo para fazer uma atividade dirigida com auxílio da menina [professora de informática]. Nós nos programamos durante a semana, rapidamente nos intervalos, para pelo menos conversar sobre o que vamos trabalhar no período que não é livre. O momento livre refere-se a jogos on-line, supervisionados pelas professoras e quando a internet está fora são jogos salvos no computador que são de formar palavras, de leitura, ditado (Entrevista da Professora C).

Pelo exposto nas falas podemos ver que o laboratório de informática é utilizado, no entanto é ausente uma sistematização das atividades a serem desenvolvidas. A professora A parece deixar a organização das suas aulas a cargo da professora de informática, que não organiza conforme ela gostaria. Para obter resultados significativos, acreditamos que é necessário a professora da turma elaborar as atividades do laboratório de informática juntamente com a professora de informática, pois assim as atividades poderão ter uma maior relação com o trabalho que vem sendo desenvolvido na sala de aula.

A carência de sistematização e planejamento das atividades desenvolvidas no laboratório de informática podem ser melhor compreendidas no momento em que a professora B menciona: “Na verdade, um planejamento para informática, a gente não tem feito e nunca fizemos. Só que as crianças gostam daqueles jogos, alguns querem aprender a mexer no computador, muitos não tem em casa, não sabem, já ajuda bastante. A maioria das vezes é para jogo”. Fica claro, que o planejamento para as aulas de informática não são feitos e que, na maioria das vezes são utilizadas apenas para jogos.

A professora C nos mostra uma postura diferente em relação às aulas de informática. Segundo ela: “Além de deixar um tempo livre para eles jogarem e fazerem o que quiserem tenho tempo para fazer uma atividade dirigida com auxílio da menina [professora de informática]. Nós nos programamos durante a semana, rapidamente nos intervalos, para pelo menos conversar sobre o que vamos trabalhar no período que não é livre”. Ela, além das atividades lúdicas, recreativas como os jogos, desenvolve atividades dirigidas, que contam com o apoio da professora de informática. Mesmo realizando o planejamento de forma rápida, nos intervalos das aulas, como a professora menciona, já é uma iniciativa para qualificar as aulas desenvolvidas no laboratório de informática.

Mesmo desenvolvendo, por muitas vezes, atividades com carência de planejamento as professoras estão cientes da importância de realizar atividades no laboratório de informática, como podemos ver no momento em que a professora B menciona: “Trabalhar no computador é muito importante porque daqui pra frente vai ser só isto. A gente vê os pequenos de primeiro ano com celular na mão, falando em computador, jogos, tablete e por aí vai”.

(B) O trabalho com as mídias

Nos relatos que apresentamos abaixo podemos observar como é a formação pedagógica estruturada para estas professoras alfabetizadoras. Evidenciamos que as mesmas enfrentam dificuldades e precisam buscar ajuda fora da escola para auxiliar no preparo das atividades, pois, consideram esta nova ferramenta – mídias – importante.

Não recebo formação na escola, mas fora daqui já tive sim, na faculdade tive um módulo completo de informática. Encontro dificuldades para planejar e para aplicar. Uma dificuldade seria a falta de computador, um para cada criança. Nós temos na escola 25 net books que não são utilizados, pois é uma burocracia para usá-los, parece que estamos cometendo um crime quando pedimos as máquinas. (...) E quando não temos muito domínio do que estamos fazendo fica mais difícil ainda para controlar uma turma de vinte e poucos alunos com net, sem ajuda de outra pessoa (Entrevista da Professora A).

Não recebemos formação na escola para trabalhar com mídias digitais. Opto por estas atividades (Programa Positivo) porque não temos nenhuma formação específica para trabalhar com informática na escola, a gente nunca teve. Para não dizer que “nunca”, a gente teve um dia de formação na escola, uns 5 ou 6 anos atrás, logo que chegou o laboratório, eram os outros computadores, os brancos, os antigos. Tivemos um dia de formação pra aprender a mexer no computador; mas foi só. Para planejar atividades para os alunos, não. Uma vez recebemos uma lista com jogos pedagógicos que os computadores tinham. Então resumindo é isto, a lista de sugestões que ganhamos da supervisão mais a professora que é técnica em informática. Porque elas falam assim; a gente tem a monitora no laboratório. Talvez por isto eles não se preocupem em nos dar uma formação. (...) Então quando eu estou no computador eu fico procurando alguma coisa que possa fazer com meus alunos, mas tenho que procurar atividades simples; que não tenha som ou que o som não faça falta, porque no laboratório não tem caixa de som. E na alfabetização é muito importante falar e ouvir o som das letras, e estas atividades não tem como fazer. Então tem que cuidar isto também. Quando têm algumas atividades interessantes e possíveis de fazer, eu faço. A internet oferece mil coisas e a gente não tem acesso. (...) Encontro dificuldades,

alguma coisa eu ainda não sei bem, eu vou no “feijão com arroz”, o básico eu sei, mas algumas coisas eu não sei fazer. (Entrevista da Professora B).

Dentro da escola não, e nem do município. Não temos nenhum profissional habilitado que possa nos orientar a utilizar a informática de forma pedagógica. Fora da escola eu fiz um ano e meio de Mídias na Educação na UFRGS, era um curso de especialização. (...) Encontro dificuldade, até porque não temos uma pessoa para dar o suporte, seria mais fácil e mais prático se tivéssemos uma pessoa que soubesse o que fazer, ela te apresentaria o que é possível fazer para cada idade em cada conteúdo. Para sanar minhas dificuldades conto com a ajuda das colegas (Entrevista da Professora C).

A partir das falas das professoras, podemos observar que todas têm interesse em trabalhar com mídias em sala de aula, porém encontram muitas dificuldades para programar e aplicar tais atividades com seus alunos. Todas foram enfáticas em dizer que não recebem formação para trabalhar com mídias digitais; percebemos nesta observação um ponto muito importante de toda pesquisa: a escola detém-se a oferecer um laboratório de informática com acesso a *internet*, porém não oferece preparo para os professores atuarem com esta tecnologia, este recurso midiático. Também consideramos importante trazer a questão de que a escola possui 25 *net books* e a professora A, não se sente a vontade para usufruir das máquinas com seus alunos: “Nós temos na escola 25 *net books* que não são utilizados pois é uma burocracia para usá-los, parece que estamos cometendo um crime quando pedimos as máquinas”. Assim, percebemos uma maior preocupação em ter o material – laboratório de informática e *net books*, do que usá-los com os alunos para potencializar o processo de construção do conhecimento e colaborar com a alfabetização.

Quanto à formação, somente a professora B relatou que teve um dia destinado à isso, quando receberam o laboratório: “Para não dizer que ‘nunca’, a gente teve um dia de formação na escola, uns 5 ou 6 anos atrás, logo que chegou o laboratório, eram os outros computadores, os brancos, os antigos. Tivemos um dia de formação pra aprender a mexer no computador; mas foi só”.

As professoras contam com os conhecimentos adquiridos na universidade, em especializações ou na ajuda de terceiros para planejar algumas atividades que considerem relevantes, atualmente nenhuma está fazendo curso ou formação para trabalhar com mídias. Deste modo, mesmo considerando importante a busca por cursos de aperfeiçoamento para trabalhar com mídias, percebemos que a escola, quando não inclui a informática como parte do pedagógico, deixa de certa forma parecer que esta não faz parte ou não seja importante para a formação dos alunos.

(C) A utilização das mídias e a relação com a aprendizagem da alfabetização

Pelas entrevistas, também podemos analisar como as professoras veem a importância das mídias na alfabetização e, como podem utilizá-las para este fim. Percebemos, também, seus pensamentos sobre como deveria ser a articulação e o planejamento das mídias com a alfabetização, bem como se esta articulação configura-se como importante ou não.

Sim, é possível potencializar o processo de alfabetização com mídias. Somente é possível quando se tem um planejamento e sabe-se o que quer. Não posso proporcionar qualquer jogo para os alunos; assim como filme, não pode ser qualquer filme, é preciso que este tenha um conteúdo a ser trabalhado e de significado para os alunos, dentro do contexto. (...) Não utilizo as mídias como gostaria, pois muitas vezes que penso em utilizar o laboratório tem algum empecilho, não podemos entrar sem a professora técnica ou falta um fone e outras coisas mais, eu não gosto de esperar pelos outros, gosto de fazer o que eu posso. (...) A melhor formar, seria com planejamento e todas atividades elaboradas em um projeto conjunto das professoras de alfabetização juntamente com uma professora especialista em informática para nos auxiliar. Iria facilitar para todas, pois muitas professoras, principalmente as mais velhas estão começando a mexer no computador agora e a insegurança é muito grande. Também acho que a professora de informática deveria participar das reuniões pedagógicas, o que aqui na escola nunca acontece. (Entrevista da Professora A).

Sim, é possível utilizar as mídias, pois eles [os alunos] se interessam, tem mais alegria quando aprendem. Eles acham que estão brincando e ao mesmo tempo estão aprendendo. (...) Primeiro teríamos que ter um horário fixo no laboratório e, ter o laboratório funcionando com todas as condições: som, imagem, computadores bons. Até que temos bastante computador, dá para trabalhar em duplas. (...) A gente teria que ter uma preparação, ou algumas práticas para nós podermos atuar com eles. Ajudar e planejar, porque não adianta eu trazer alguns jogos, eu tenho que saber até onde eu posso dar, até onde eu posso ir. Porque atividades que eu faço com o primeiro ano eu não posso repetir com o terceiro ano. (...) Mas, mais é a preparação do professor e planejar atividades do interesse deles; é isto que a gente precisa, que alguém nos dê um norte. (...) Considero importante a escola se importar com as tecnologias, sempre achei desde quando os computadores vieram para cá fiquei muito empolgada pensando em mil coisas que ia poder fazer, mas com o tempo a gente desestimula porque senta na frente e não sabe o que vai fazer. Precisamos ter um planejamento para saber o que fazer e, é muito importante porque nossa vida já está em função de mídia, do computador, do celular, da TV. (Entrevista da Professora B).

Acredito que potencializa, não é a única forma, até porque meu método é um pouco tradicional, mas no transcorrer do meu trabalho acrescento estas tecnologias, mídias, músicas, livros para motivar meus alunos. (...) A meu ver, deveríamos ter momentos de planejamento com uma professora habilitada e horários fixos para levá-los ao laboratório para que eles pudessem desenvolver atividades relacionadas à alfabetização, previamente elaboradas de acordo com o nível de desenvolvimento de cada turma (Entrevista da Professora C).

Todas as professoras entrevistadas acreditam que as mídias podem potencializar o processo de alfabetização e, mesmo diante de algumas dificuldades utilizam esta ferramenta. A professora C enfatiza, “não é a única forma” e, mesmo descrevendo-se “um pouco tradicional”, reconhece que inovar na sala de aula motiva os alunos. De acordo com o relato da professora B: “Eles [os alunos] acham que estão brincando e ao mesmo tempo estão aprendendo” referindo-se aos jogos que os alunos acessam.

Para potencializar o uso do laboratório de informática todas mostram-se unânimes, no que refere-se a importância do planejamento. O mesmo deveria ser elaborado com o grupo de alfabetizadoras da escola, segundo o relata professora A: “A melhor formar, seria com planejamento e todas atividades elaboradas em um projeto conjunto das professoras de alfabetização juntamente com uma professora especialista em informática para nos auxiliar e facilitar para todas, pois muitas professoras, principalmente as mais velhas estão começando a mexer no computador agora e a insegurança é muito grande”.

Observamos que todas as professoras reconhecem a importância de trabalhar com as mídias digitais na alfabetização, porém não são amparadas, não há formação pedagógica para auxiliá-las neste processo. Concebemos que não basta a escola dispor de laboratório de informática e com acesso a *internet*, se não preparar os professores para trabalhar com estas ferramentas. Consideramos necessário que os professores busquem formação fora da escola em cursos de especialização e aprimoramento, para assim o processo de alfabetização ser potencializado através do uso das mídias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolver da pesquisa, compreendemos que as mídias digitais estão presentes na vida das crianças e estas, podem e devem ser utilizadas dentro da escola para potencializar o processo de alfabetização. De acordo com a percepção das professoras participantes do estudo, as mídias têm papel importante no processo de alfabetização e elas,

sentem a necessidade de inovar seus métodos de ensino para envolver mais seus alunos e acompanhar as novidades tecnológicas.

Os dados coletados nos permitiram evidenciar que, mesmo tendo 25 *net books*, um laboratório de informática com acesso a *internet* e, reconhecendo a importância do uso das mídias digitais no processo de alfabetização, as professoras encontram dificuldades, como: o medo de “estragar” os aparelhos de informática durante o uso em aula; a falta de formação pedagógica para utilizar as mídias; não ter um planejamento das atividades que possam ser realizadas de acordo com a idade de cada turma, nem entre as professoras alfabetizadoras nem com a professora técnica responsável do laboratório; os computadores não têm todos os acessórios funcionando como, caixas de som e fones de ouvido.

Quanto à formação das professoras entrevistadas no estudo e, a forma para incluírem as mídias digitais em seus planejamentos, ficou um questionamento: De quem é a responsabilidade de trazer esta temática para escola? Professores ou equipe pedagógica? De quem deve partir esta iniciativa de incluir de forma transformadora as mídias no processo de alfabetização dos alunos dos 1º e 2º ano?

Contudo, compreendemos que as mídias podem ser mais um recurso para o processo de alfabetização dos alunos de 1º e 2º anos. Porém, é necessário que as professoras consigam superar a barreira da dificuldade de trabalhar com as mídias. Consideramos que um ponto deve ser considerado quando falamos em utilizar as mídias na sala de aula – os alunos aprendem a lidar com aparelhos tecnológicos com muita facilidade; sendo este um caminho, aliar o conhecimento do aluno a didática do professor para começarem a tão esperada potencialização das mídias digitais no processo de alfabetização. Outra possibilidade que deve ser considerada é a volta dos professores a cursos de formação dentro e fora da escola para atualizarem seus conhecimentos em relação às mídias digitais e poder utilizá-las em seus planejamentos.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.

JOSÉ, C. A. **O mito do aluno digital**. Disponível em:

<<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1356>>. Acesso em: 06/12/2012.

- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- OLIVEIRA, N. **Blog portfólio de aprendizagem da Nara**. Disponível em:
<<http://peadportfolio156663.blogspot.com/2010/12/final-de-semesterfinal-de-curso.html>>
Acesso em: 20/03/2013.
- PEREIRA, L. L. **Softwares educativos: uma proposta de recurso pedagógico para o trabalho de reforço das habilidades de leitura e escrita com alunos dos anos iniciais**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/13587/8556>>. Acesso em: 04/03/2013.
- PIAGET, J. **O nascimento do pensamento na criança**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PINSONNEAULT, A.; KRAEMER, K. L. **Survey research in management information systems: an assesment**. Journal of Manegement Information ystem, 1993.
- SILVA, M. O desafio comunicacional da cibercultura à educação via internet. In: TRIVINHO, E.; REIS, A. P.; equipe do CENCIB/PUC-SP (Orgs.). **A cibercultura em transformação: poder, liberdade e sociabilidade em tempos de compartilhamento, nomadismo e mutação de direitos**. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2010. p. 206-214.
- TEBEROSKY, A. **Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita**. Disponível em:
<<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/debater-opinar-estimulam-leitura-escrita-423497.shtml>> Acesso em: 20/03/2013.
- THORNBURG, D. **Os professores têm uma nova missão**. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 09/07/1997. Entrevista.
- VALENTE, J. A. **O uso inteligente do computador na educação**. 1997. Disponível em:
<<http://www.proinfo.mec.gov.br/upload/biblioteca/215.pdf>> Acesso em: 20/03/2013.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.